

EUTERPE NO INDO,
O U
ECLOGA RECITADA

NO DIA 2 DE AGOSTO, EM QUE COMPLETA ANNOS

A SENHORA
D'HOLSTEIN,

QUE

AO ILL.^{MO}, E EX.^{MO} SENHOR

D. FEDERICO

GUILHERME DE SOUZA,

Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Capitaõ da
Guarda Real da Companhia Alemã, Commendador de
Santa Maria de Belmonte, e de S. Salvador da Infesta na
Ordem de Christo, Governador, e Capitaõ General da India,

OFFERECEM, DEDICAM, E CONSAGRAM

ALMENO, E LOCATELI

PASTORES,

ESTE DO ERIDANO, E AQUELLE DO TEJO;

POR

MANOEL IGNACIO CARDOZO

TEIXEIRA,

*Capitaõ do primeiro Regimento da Infan-
taria de Goa.*

R. 159293

$\frac{L}{41050} 2$

ECLOGA

ALMENO, E LOCATELI.

LOCATELI.

QUE alegre ao cáro irmão Pastor d'Anfrizo
Hoje abre Aurora as portas do Horizonte,
Communicando aos Ceos seu doce rizo!
Que rapido ás montanhas de Piamonte
Sobe o lúcido Pai, e vê sem nojo
O sepulcro fatal do seu Faetonte!
Desse filho infeliz, que teve o arrojo
De querer governar o carro ardente,
Que o conduzio d'um raio a ser despojo.
Oh como em tanto ardor já não consente,
Que a triste Mãi Climene, que inda adora,
Engrosse mais do Eridano a corrente!

E as fandozas lagrimas, que chora
 C'ò as filhas, converte em alambre fino,
 Com que hoje se touca a linha Flora!
 Oh como amante troca o seu destino
 A's Eliadas bellas, que retrata
 Naquelle espelho d'agna chrifallino!
 Como nellas ribeiras se dilata
 Doirando as verdes relvas, que matiza
 Do Zéfyro a espoza amante, e grata!
 Nesse ameno vergel, onde ás que piza,
 Odoríferas flores cauza evejeja
 A Flor, que hoje renasce, e s'eterniza:
 O Numen tutelar, a quem festeja
 Nos campos de Turin a fé mais pura,
 Ah! praza ao justo Ceo, que eu inda o veja.
 Não quero mais prazer, nem mais ventura
 Qu'ir adorar nas aras do respeito
 O idolo da virtude, e formozura:
 O astro, que domina sobre o peito
 Do nosso Corifeo, e que lh'inspira,
 Quanto nelle se vê de Heroe perfeito.
 Que liberal no Olympo, em que hoje gyra,
 Diffunde Febo a luz neste planeta,
 Que goza a bella Europa, e que Azia admira!
 Que errante segue o curso desde a méta,
 E pára no Zenith, ponto, em que marca
 Hum gyro mais, que o Sol d'Holstein completa!
 Oh como com seus raios o Monarca
 Das Estrellas illustra esta Princeza
 De quantas no seu orbe ardente abarca!
 E como, contra as leis da natureza
 Sobre as azas do tempo, que domina,
 Só vòá, e não se estraga esta belleza! Nas

Nas da fama se eleva á luz divina
 Dos astros, onde ardendo em chama pura,
 Como Fenix renasce esta Heroína.
 Ariadna, e Cassiopéa (que ventura!)
 Lhe rendem sem disputa, ou competencia
 Huma a coroa, e outra a formozura
 Mas onde me arrebatá hoje a vehemencia
 Da Muza, se me falta em tanto empenho
 Segunda voz, que faça esta cadencia?
 Nem Almemo apparece, cujo engenho
 A poucos lizongea inda cantando;
 Mas eu gósto d'ouvillo, e m'entretenho.
 O tempo corre, as horas vão passando,
 E Almemo sem vir. Cuido, que o vejo
 D'um pequeno batel desembarcando.
 Se a vista não engana ao meu dezejo,
 He aquelle pelo andar: eu corro á praia
 Buscar este Pastor, que anda com pejo.
 Ah! vem Almemo, vem, que se desfaiá
 Sem ti minha Camena: onde estiveste,
 Depois que te deixei? Prendeo-te Olaia?

A L M E M O.

Ah! não meu, Locateli, a minha estrella
 Me priva até de ouvir tão doce nome:
 Eu morro por Olaia; porém ella
 Não vive para mim; pois me consome:
 Depois que a vi andar jogando a pélla
 Com Silvio na deveza, e o gado á fome,
 Fujo de ver o mais: porém não nego,
 Que fujo de vagar; porque ando cego.

Neste pois de amor perigozo lance

Naõ divizo huma luz, por quem me guie:
 Naõ encontro hum Pastor, em quem descance,
 Nem descubro hum amigo, em quem me fie:
 Anda sempre a desgraça em meu alcance;
 A fortuna sempre ha quem ma desvie;
 Só tu, dando-me a mão robusta, e pia,
 Podes fazer com que eu a alcance hum dia.

Em ti, Pastor d'espírito elevado,

Permitte, que eu funde hoje o meu descanso:
 Bem sei, que em te buscar fui descuidado;
 Mas nem por mais tardar menos avançaço:
 Pelos passos da honra já cansado
 Da fortuna seguir, que nunca alcanço,
 Sempre tenho corrido, menos hoje,
 Que em ti a busco; porque me naõ foge.

Por ella, e pelas aguas conduzido,

A' sombra vim parar deste salgueiro,
 Aonde com assombro tenho ouvido.
 A tua voz no tom mais verdadeiro:
 Naõ deo Ismeneo hum ponto taõ subido
 Na flauta, que tocou, sendo o primeiro:
 Nem o canto d'Orfeo fez tanto effeito
 Nas penhas, como o teu faz no meu peito.

Bem mostras n'harmonia, e na doçura

Da tua liberal, e alta Camena,
 Que bebes da Castalia a lynfa pura;
 Que rega do Parnazo a selva amena:
 Este foi o estylo, esta a ternura,
 Com que Paris roubou o amor de Helena,
 Elle do mundo assombro, e maravilha,
 Por quem deixou de Xanto a amavel filha.

Se a fabia Pallas, quando sobré o ledo
 Tritonio se quiz ver, visse hum modelo
 Taõ raro, como tu no canto, e afago,
 Nessa imagem veria o seu desvelo:
 Naõ teria a sanfona aquelle estrago,
 Figurando-lhe feio o rosto bello;
 Antes vendo-se em ti bem retratada,
 Ficaria do espelho namorada.

L O C A T E L I.

Naõ digas mais: perdoa, amigo Almeno;
 Naõ m'introduzas n'alma esse veneno,
 Que em perolas douradas cá n'Aldêa
 Se toma só por módã á boca chêa:
 Esse contagio, de que ninguem se arreda,
 Que a muitos incha, a todos embebeda;
 Que a huns encanta, a outros deixa absortos:
 Oh quantos vivem delle como mortos,
 Porque querem morrer (assim o penso)
 Afogados, nos fumos deste incenso:
 Naõ quero pois, que cantes, nem me falles
 Em outro tom, ou lingua, que a dos valles,
 Pelo estylo do campo, e da floresta,
 Onde a verdade he pura, e manifesta:
 A candida verdade, que se cobre
 Apenas de hum pellico humilde, e pobre,
 Sem que nunca se atreva, quando nua,
 A apparecer n'Aldêa em qualquer rua,
 Por naõ se expor com imprudente arrojo
 A ser do odio mizero despojo.
 Mas hoje, que da rustica choupana

Sem pejo acode á voz, que a naõ profana,
 Aquella Divindade peregrina;
 Inflammados da sua luz divina,
 Faremos, que nos concavos rochedos,
 Nas grutas, bosques, valles, e arvoredos
 Do Mondovin retumbem com espanto
 Os eccos do mais alto, e suave canto
 Nas clauzulas do nosso repetidos:
 Daquelle canto, enleio dos sentidos,
 Com que as Nynfas do Eridano, e os Pastores,
 Ciumes dando á Deoza dos amores,
 Celebraõ hoje o dia, em que faz annos
 D'Holstein essa Deidade, a quem tyrannos
 Se os astros n'outro tempo, em outra idade
 Quizerãõ violar-lhe a immuniidade,
 Agora, que os influxos d'outra estrella
 A fazem nesta idade inda mais bella,
 Triunfa, como sabia, como heroina,
 Dos astros, e do tempo, que dômina.

A L M E N O.

S'entendes, Locateli, que o meu canto
 He digno de louvar prodigio tanto,
 Dispoem de mim, e crê, que eu só t'envejo
 O gosto do cantar, naõ o dezejo;
 Que neste naõ m'excedes ao compasso;
 Que eu só com elle ao gosto satisfaço.
 Começa já a tocar; pois me vês prompto,
 Na fiauta, na sanfona, ou na guitarra;
 Verci, se te acompanha nesse ponto
 Da cithara d'Eunomio esta cigarra.

L O.

LOCATELI.

Cigarra não, mas cisme eu te contemplo.

ALMENO.

Dezejo ser, segundo o teu exemplo.
 Com esta confiança bem fundada
 Parece-me, que posso ter entrada
 Contigo neste Alcaçar peregrino,
 Se ajudas, Locateli, o meu destino.

LOCATELI.

Naõ careces, Almeno, que eu te ajude;
 Segue os passos da honra, e da virtude:
 Caminha de vagar, e muito attento,
 Guiado só do teu merecimento;
 E logo encontrarás a pouco custo
 O Grande Federico, o pio, o justo,
 Da nossa adoração o doce objecto,
 Enveja de Titaõ, Pastor de Admeto:
 O nosso Maioral, a quem curvados
 Os Pastores sustidos nos cajados,
 (Contemplando da Mãe vivo o retrato
 Na imagem do Filho amante, e grato)
 Lhe tributaõ nos foros do respeito
 Do puro amor, que guardaõ no seu peito,
 A joia mais brilhante, e de mais preço.

A L M E N O.

Pelos signaes, que dás, já o conheço:
 Que aspecto tão gentil! Que bella imagem!
 Oh como brilha, e leva aos mais ventagem!
 Mas que muito, que a todos leve a palma,
 Se he digna produccaõ dessa grande alma,
 Que, não cabendo já no augusto peito,
 Por ser a tal grandeza espaço estreito,
 Em trez pedaços anda repartida,
 Gloriosos troféos da heroica vida,
 A cuja duraçaõ hoje dispersos
 Por varias regioens, climas diversos;
 Confagraõ reverentes, e devotos
 Os festivos cultos, os ardentes votos,
 Que o amor lhes inspira, e dicta a gloria
 Nos altares da honra, e da memoria.
 Só tu podes, oh Goa illustre, e bella,
 Dar hoje os parabens á tua estrella;
 Pois guardas no teu seio venturoza
 A primeira reliquia, a mais precioza,
 Joia, que arrancou do amante peito
 Hum soberano impulso, alto respeito:
 O grande Federico, a quem tem dado
 Mercurio o Caducêo: cujo cajado
 Sustentado do seu braço robusto,
 Com passo do inimigo, affombro, e susto,
 Movido com destreza, engenho, e arte,
 Sem dependencia do furor de Marte,
 Lh'inspira hum valor tão raro, e estranho,
 Que em doce paz mantem o seu rebanho,

O mais feliz rebanho; e o conserva
 De baixo dos auspícios de Minerva.
 Também, ó Londres, tu tens a ventura
 De ver hoje illustrada a formozura
 Dos teus Campos Reaes, onde enviado
 Por Lyzia esse Pastor do Tejo amado,
 Festeja alegre a idade, a quem se rende
 O tempo; porque o Ceo he que a defende.
 Festivo pois o tempo, e as Nynfas bellas
 Do Tamezis lhe teçãõ mil capellas
 De perpetuas, e myrtho; pois he justo,
 Que o tempo, em que florece hum Luzo Augusto,
 Celebre hoje tambem a idade de ouro.
 E tu, nobre Turin, que és o thezouro
 De quantas maravilhas cria o mundo;
 Que encerras no teu ambito fecundo
 De famosos heroes outro pedaço
 Dessa alma, que inda o prende em doce laço;
 Alegra-te; pois tens a primazia
 Nos fastos mais gloriozos deste dia,
 Em que do regio berço, onde nascêra,
 Faz mais hum gyro o Sol na tua esfera.
 Alegra-te, pois vês n'ardente fêsta
 Sahir do monte, valle, e da floresta
 As Orcades, as Driades, Napêas
 Divididas em côros, e corêas,
 A banhar-se nas aguas cristallinas
 Do Pó, onde outras Nynfas peregrinas,
 Espalhadas nas margens delectozas,
 Humas colhendo estaõ jasmims, e rozas,
 De que fazem grinaldas, e roletes;
 Atando outras se vem mil ramalhetes

De jacinthos, suspiros, e saudades,
 Que em todo o tempo, em todas as idades,
 Entrelaçados d'um amor perfeito,
 Também tem seu lugar no heroico peito.
 Outras, cantando alegres cantilenas,
 Apanhaõ maravilhas, affluencias,
 Violetas, e junquillos, que semeaõ
 Por onde a Mãi, e o Filho hoje passeaõ :
 Aquelle unico Filho, que inda a sorte
 Lhe deixou para allivio em dor taõ forte,
 Que lhe cauza dos outros a saudade.
 Porém hoje, que a sua heroicidade
 Lhe troca a triste pena pela gloria
 De os ver buscar o templo da Memoria
 Pela estrada, que seguem verdadeira,
 Zomba da sorte, e torna á luz primeira
 Mais que Olympias, ufana com tal Filho :
 Porém porque me espanto, ou maravilho,
 Que triuñse do tempo, e vença o fado,
 Se traz hum Alexandre hoje ao seu lado?

L O C A T E L I.

Por certo, cáro Almeno, que o teu canto
 Surprehido me tem de gosto, e espanto.
 Assim cantava Apollo sem ventura
 Da Filha de Penêo a formozura,
 Que quanto mais esquivava lhe fugia,
 Tanto mais abrazado elle a seguia ;
 Até que na prizaõ de tanta graça

Em

Em vez do gentil corpo, hum tronco abraça.
 A Deidade porém, que hoje t'inspira,
 He muito mais sublime; e não me admira,
 Que com auspicio tanto te remontes
 A dar taõ alto brado sobre os montes
 D'antiga Arcadia, quando tenho visto,
 Que no celeste carro, a quem Callisto
 Acompanha fiel, com luz divina,
 Tambem pódes montar com tal bozina,
 Para servir de norte aos mais Pastores,
 Que ao novo Sol no Oriente daõ louvores.
 Não mais da Hippocrene a lynfa esgotes:
 Com a pobre escriptura destes dotes,
 De que o pródigo Ceo só te fez rico,
 Vem já render-te aos pés de Federico.
 Consagra-lhe com ella a fé mais pura:
 Não devides, que nesta conjunctura,
 Em que da Fé se ostenta firme Atlante,
 Nos braços da fortuna te levante:
 Vem comigo. Senhor, eu tenho o arrojo
 De apresentar agora este despojo
 Do destino cruel aos vossos olhos.
 Hum Pastor infeliz, que colhe abrolhos,
 Quando flores semeia; e que se mata
 Em trabalhar na terra sempre ingrata;
 Já se vê reduzido ao triste estado
 De não saber de si, nem do seu gado:
 E para mais sentir, (sorte tyranna!)
 Até perdeu o tino da cabana.
 Vinte annos de Pastor he grande espaço:
 Mas neste não consiste o seu canção:
 O pezo da desgraça-he quem o opprime:

Dai-

Dai-lhe hum novo cajado, a que se arrime:
 Anima-lhe, Senhor, a fortaleza:
 Assim os Ceos conservem na grandeza
 Maior, que podem dar, esse portento,
 A quem deveis o puro, e heroico alento.
 E vós na mais brilhante claridade
 De huma sempre feliz prosperidade,
 Triunfando das trez Irmans impías,
 Conteis com vossa Mãi eternos dias.

A L M E N O.

Os mesmos Ceos benignos,
 Que t'inspirão taõ nobres sentimentos,
 Te amparem dos malignos
 Astros, que assim n'influem taõ violentos;
 E agora (por fortuna) saõ objecto
 Da compaixãõ, que devo ao teu affecto.
 Senhor, se vos foi grato
 O nosso canto, dai-nos hum indicio;
 Mostrai-nos o Retrato,
 Que a vossa adoraçãõ por sacrificio
 Tem nas áras da sua formozura:
 Alcancemos por vós esta ventura.
 Mostrai, naõ tenhais medo
 Dos nossos olhos, que naõ daõ quebranto;
 Mostrai-nos esse dedo
 Envolto em tanta luz, prodigio tanto:
 Mostrai-nos esse anel; melhor disléra,
 Essa de tanto Sol pequena esféra.

Dei-

OU ECLOGA RECITADA. 15

Deixai, que hoje adoremos
Aquele da virtude exemplar sacro:
Dignai-vos, que bejemos
Essa mão, que sustenta o Simulacro,
E que tanto trabalha pela gloria
De o collocar no templo da Memoria.



L I S B O A

NA Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impressor da Real Meza Censoria.
MDCCLXXXIII.
Com licença da mesma Real Meza.

L
41050²

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

REPORT OF THE
COMMISSIONERS OF THE
UNIVERSITY OF CHICAGO
FOR THE YEAR 1891

CHICAGO

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
1892